

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL, PROPORCIONANDO A LEITURA E ESCRITA.**

Grupo de trabalho GT (01) – Alfabetização e Letramento Escolar

Rita de Cássia da Conceição

Maria Noélia da Silva Pereira

Luciana Matias Cavalcante

### **RESUMO**

Este trabalho visa compreender e informar como estão sendo aplicadas e desenvolvidas as práticas pedagógicas nas séries iniciais. Apresentaremos, portanto, nossas vivências na disciplina de Estágio Supervisionado II, que se deu através de observação e regências na sala de aula do 1º Ano do Ensino Fundamental. Para a realização do nosso estudo, buscamos embasamento em alguns autores estudiosos de questões relacionadas à alfabetização e ao campo educacional em geral, como Carvalho (2009), Soares (1998), Macedo (2002) entre outros estudiosos. Por meio do Estágio Supervisionado nos foi permitido um contato direto com os sujeitos envolvidos na situação, nos possibilitando uma interação mais abrangente do estudo. Nosso objetivo é refletir criticamente, conhecer como acontece a alfabetização e letramento e no que isto refletirá no alargamento da aprendizagem dos educandos, e futuramente para contribuições de quais formas deve se suceder a prática da alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização e Letramento. Práticas pedagógicas. Métodos de ensino.

### **1. Introdução**

O objetivo deste artigo é a aquisição do conhecimento a respeito das metodologias que estão sendo usadas para a alfabetização e o letramento, pois ao cursarmos a disciplina Estágio Supervisionado II nos foi permitido vivenciar experiências enriquecedoras para a nossa formação enquanto futuros pedagogos.

Todas estas experiências ocorreram no âmbito escolar, em especial durante as observações e regências desenvolvidas na sala de aula do 1º Ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Parnaíba PI. Tornando-se esta prática um fundamento enriquecedor, dando-nos a oportunidade de discutir teoricamente sobre as práticas pedagógicas e suas contribuições para o aprendizado dos discentes. Durante os estágios mantemos um contato direto com os profissionais da instituição, utilizamos conversas informais dentre as observações ocorridas no espaço escolar.

Entretanto, antes de avaliarmos a concepção e os métodos dos professores com relação à alfabetização e letramento necessitamos entender o cenário das discussões e problemas que assolam as dificuldades de ensinar a ler e escrever durante os primeiros anos escolares. Nesse sentido, esse artigo é fruto de reflexões teóricas e conta com a contribuição de vários autores, dentre eles destacamos: Carvalho (2009); Campos (2012); Ferreiro (1985); Ferreiro e Teberosky (1999) e (1991); Soares (1998) e Macedo (2002).

É importante ressaltar, que o bom professor alfabetizador deve conhecer quais são os seus saberes e práticas pedagógicas para que ele possa desenvolver com mais eficiência um excelente trabalho no decorrer de suas aulas ministradas, sendo que assim, estará desenvolvendo a capacidade de leitura e escrita e também o senso-crítico do aluno para que o mesmo tenha uma visão mais ampla em relação ao mundo em que vive, ou seja, compreendendo outros enfoques relacionados ao conhecimento.

## **2. Perspectivas críticas no ato da alfabetização.**

Em seu livro Marlene Carvalho aborda uma diferenciação entre a alfabetização e letramento, destacando a interligação que existe entre ambos, enfatiza que existe uma diferença entre um indivíduo alfabetizado e letrado, mostrando com isso a importância do sujeito considerado letrado, onde este irá formar-se um excelente leitor, capaz de dialogar com os autores lidos, refletindo acerca do que eles falam e confrontando as suas opiniões com as nossas próprias ideias.

[...] a diferença está na extensão e na qualidade do domínio da leitura e da escrita. Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social. Pessoas alfabetizadas podem, eventualmente, ter pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita dos jornais, livros, revistas [...] Letrado, no sentido em que estamos usando esse termo, é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais. (CARVALHO, 2009, p. 66)

Magna Soares enfatiza (1998), que para formar indivíduos letrados é necessário que o Brasil resolva o problema da alfabetização, e para que este problema seja superado é imprescindível que o país torne-se capaz de superar as novas exigências educacionais, pois segundo a autora, não basta apenas ter domínios da leitura e da escrita, é preciso que se faça uso das mesmas, para conseqüentemente ter capacidade responder positivamente as cobranças que a sociedade vem fazendo sucessivamente.

Em alguns países considerados desenvolvidos, o analfabetismo já se encontra superado, e sabemos que este desenvolvimento tornou-se possível em decorrência ao número crescente de pessoas alfabetizadas. O que se espera é que a escola desenvolva o processo de letramento, contudo, é essencial que se forme indivíduos capazes de utilizar a leitura e escrita para fins escolares, culturais e profissionais.

Durante muito tempo a alfabetização baseava-se somente no ato de saber ler e escrever, ou seja, decodificando palavras, não se importando com o entendimento das crianças em relação ao que era lido, pouco valor se dava à quais práticas eram fundamentais para aquele aprendizado, porém com o passar do tempo novas transformações surgiram, exigindo com isso formas diversificadas de ensinar, buscando métodos mais adequados para a transmissão dos conteúdos repassados.

Gontijo logo ressalva que:

Os métodos de alfabetização amplamente divulgados no Brasil são os tipos analíticos (que iniciam o processo de alfabetização do todo para as partes) e sintéticos (das Partes para o todo), sendo exemplos dos primeiros os métodos fônicos e silábicos. Com relação ao método sintético, Ferreiro e Teberosky (1989), afirma que inicialmente se pensou que os elementos mínimos da escrita fossem as letras e, por isso, durante muito tempo, as crianças aprenderam a ler e escrever pronunciando as letras e estabelecendo as regras de sonorização ao da escrita. (GONTIJO, 2002, p. 05)

Diante de tudo que foi mencionado, é importante destacar que alguns estudos comprovam que para que haja um bom desenvolvimento o país necessita de indivíduos letrados, sendo este um dos fatores para o surgimento de formas diversificadas de lecionar. Porém, com as mudanças que ocorreram na atualidade surgem à ideia de novas modificações no campo educação. Atualmente, vivemos em tempos voltados para o uso das tecnologias, onde o, o celular, a TV, o computador e a Internet estão integrados cada vez mais na sociedade.

Os métodos que antes eram considerados eficazes, já não surtem mais efeitos, clama-se por mudanças, e estas mudanças trazem transformações em diversos requisitos que tratam do termo educação, um exemplo disso são as transformações que decorrem na época presente, adaptando-o aos novos tempos.

Como menciona Macedo (et al, 2002), relatando que toda vez que surge a proposta de um novo currículo, buscamos nos adequar a ele e também fazer com que ele se adeque a nós, acontecendo assim atividades de sensibilização e capacitação que proporcionam entendimento do mesmo.

O que a autora vem abordar é que ao acontecer mudanças a sociedade não ficará instável diante dessas transformações, buscará seguir o ritmo destas modificações, tornando-se esta a causa pela busca e realizações de estudos necessários para o entendimento destes métodos e práticas, para torna-lhes satisfatórios na educação.

### **3. Compreendendo a alfabetização como um processo fundamental.**

Diante deste cenário, este trabalho tem como fundamento os estudos de alguns autores, tornando-se responsáveis pelo embasamento de nossa análise, estando estes constantemente destacando a alfabetização como um fator essencial para a sociedade.

Preocupados com o rumo de que seguiria a educação nos anos que ainda estavam por vir, vários teóricos buscaram entender como acontecem os processos de transmissão no aprendizado que são repassados para as crianças. Dentre eles Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999) que em suas pesquisas estudaram como o sucede o processo de aquisição da língua escrita e quais procedimentos eram ostentados na fundamentação daquele aprendizado, ressaltando que o maior interesse deles era compreender qual era o processo de construção da língua escrita, contudo focalizaram situações experimentais onde a criança evidenciasse a escrita como ela a vê e, conseqüentemente, a leitura tal como ela entende.

Baseada nos relatos das seguintes autoras, percebemos que a criança ao iniciar sua vida escolar trás consigo um conhecimento que é adquirido através da interação da mesma com as outras pessoas, ou seja, seus conhecimentos não são adquiridos apenas através de técnicas e métodos utilizados apenas no espaço escolar. Essa afirmação torna-se evidente em meio à citação de Ferreiro: “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem duvidas, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. (1985, p.24).

Todavia a alfabetização, durante muito tempo baseava-se somente no ato de ler e escrever, ou seja, decodificando palavras, não necessitava relacionar o entendimento do que as crianças liam, o importante era que ocorresse a leitura, considerando com isso que o sujeito já havia atingindo a sabedoria necessária para a sua vida, não havendo cobrança alguma em relação ao entendimento do contexto exposto. Pouco ou quase nem um valor se dava aos métodos e práticas fundamentais para a obtenção do aprendizado havendo assim o oposto do que é priorizado nos dias atuais.

Gontijo (2002) ressalta que a alfabetização é vista como um processo sócio histórico e cultural, no qual preenche a necessidade fundamental das crianças e dos seres humanos de

inclusão na genericidade para si, portanto, a alfabetização, como dinâmica da relação entre a apropriação e a objetivação, é um processo voltado para a introdução de indivíduos na continuidade da história. Entendemos com isso que a educação escolar, juntamente com a leitura e a escrita, são os principais conhecimentos necessários para a compreensão e formação de um ser civilizado, tornando-o capaz de modificar situações que beneficiem todos os envolvidos na sociedade, proporcionando seres críticos e conscientes de sua função social.

#### **4. Experiências durante o processo de alfabetização**

Durante a disciplina de Estágio Supervisionado na Escola II, foram realizadas observações e regências na turma do 1º Ano do Ensino Fundamental, todas realizadas no período da tarde, na Escola Municipal Professora Francisca Borges dos Reis, localizada na Rua Frei Higinio, Nº 206, Bairro Piauí, na cidade de Parnaíba.

Trata-se de uma turma numerosa, composta por vinte e seis alunos, ambos com idades que variam entre seis e sete anos. Observamos que alguns alunos já haviam desenvolvido a leitura e a escrita, enquanto uma pequena parte destes educandos apresentavam dificuldades em relação a estes conhecimentos.

Esse período decorreu por volta de duas semanas. Durante as observações percebemos que a professora da turma sempre buscava agrupar os discentes, destacando este artifício a uma técnica capaz de propiciar o desenvolvimento, a socialização e a afetividade dos alunos entre si. Ela sempre buscava atividades que envolvessem todos os educandos da sala, esta interação acontecia através da criação de pequenos grupos. Dentre as atividades propostas a eles muitas eram compostas com práticas lúdicas que eram envolvidos frequentemente dentro e fora de sala de aula, tais como dinâmicas e brincadeiras que envolvem percepção, espaço e limites, dentre alguns jogos pedagógicos.

Percebemos que ao término destas atividades, as crianças demonstravam mais agilidades para as atividades seguintes. Os grupos para a realização das atividades eram formados em sua maioria por cinco alunos, ficando apenas um grupo com seis crianças. Ao colocar a turma desta maneira a professora buscava inserir todos, mas em alguns momentos presenciamos crianças que se excluía das atividades, pareciam tímidas e recuadas, como se estivesse se trancando em seu pequeno mundo.

Indagamos a professora ao vermos este comportamento ao meio de tantas crianças interagido entre si. Foi nos relatado que aqueles pequeninos passavam por algum problema familiar, se tratava de situações bem delicadas e talvez fosse aquela a explicação para tal

comportamento. Em conversa com os alunos a professora falou que realizaríamos algumas atividades com eles.

Antes de iniciarmos as regências na sala de aula, coletamos os conteúdos que seriam ministrados em nossas regências com a professora titular da turma, era necessário que seguíssemos a sequência da professora. No entanto, ela pediu-nos que trabalhássemos apenas conteúdos que envolvesse a disciplina de Língua Portuguesa e Matemática, pois eram estas disciplinas que necessitavam de uma atenção melhor naquela turma.

A educadora fez-nos uma observação, sucedido de um pedido, era preferível a inserção de textos durante as aulas que ministrariamos, deixou claro que os alunos haviam adquirido o hábito de ouvir e contar história. Assim, o fizemos, pois esta informação foi percebida por nos logo na primeira visita a sala de aula, sendo que a professora destacou um cantinho da sala para livros de histórias infantis, onde estes estavam sempre ao alcance dos pequeninos, que tinham livre acesso, para folhear, ler ou simplesmente tocar.

Ao apontamos a data da nossa primeira regência, foi pedido que déssemos continuidade a uma aula da disciplina de Ciências, que tinha término para aquele dia. Aceitamos a proposta, deveríamos trabalhar sobre os animais domésticos e animais selvagens. Levamos para aquela aula em forma de texto a música “Minha Velha” que falava em seu todo sobre alguns animais. Cantamos juntas com eles e percebemos que era uma música bem conhecida, pois foi cantada em coro por todos os educandos, em seguida realizamos uma atividade para que houvesse melhor fixação do conteúdo, proporcionando aos alunos uma melhor absorção do que foi transmitido a eles.

Quando ministramos nossa primeira aula naquela turma, percebemos o entusiasmo dos alunos, eles já haviam se adequado com a nossa presença, tínhamos ganhado seu respeito e confiança, isso se tornava claro quando chegávamos à escola, sempre ficávamos rodeados por eles, que demonstravam atitudes de respeito e carinho para conosco. Para eles não éramos estranhas, já tinha acontecido à interação entre ambos, nos tornamos para aquelas crianças duas novas professoras, e esta ideia estava sendo recebida de forma bem festejada por todos, ou seja, educador e educandos. Campos, afirma que:

Quando não se consegue encantar os alunos, a sala de aula carrega consigo uma marca de barbárie e tédio. Na sala de aula, como lugar-situação, deve se permitir trocas. Se o professor não tem desenvolvido a sua sensibilidade para se fazer presente a situações embaraçosas, nas quais se colocam dilemas e incertezas para tomara de decisão, a sala de aula transforma-se em um lugar-silêncio. Perdendo a sua dimensão interlocutiva dos sujeitos em aula-professor e alunos – na tessitura dos acontecimentos, o professor deve discernir pela opção que contribua para afirmar a sua ação como ato pedagógico em construção de saberes. (Campos, 2012,p.42)

Atendemos ao pedido da professora da sala e em todas nossas atividades trabalhávamos com pequenos textos, todos de fácil compreensão. De início apresentávamos os conteúdos aos alunos explicando o que seguiria naquela aula. A maioria ficava atenta a nossas instruções, pois queriam mostrar que eram bem inteligentes, eles participavam ativamente durante as atividades.

Em nossas regências procurávamos sempre iniciar as aulas com uma sensibilização, intencionando motivar os alunos com histórias bem ilustradas, ou através de canções que fossem atrativas e do conhecimento dos alunos. Os conteúdos ministrados envolviam situações diversificadas, na disciplina de língua Portuguesa trabalhávamos com jogos, músicas e gravuras. Propusemos aos alunos durante as aulas interpretações e produção de textos, acontecendo sempre durante essas aulas uma leitura coletiva que serviria para a exploração do texto e, conseqüentemente, sua explanação. De acordo com Campos:

A aula é um momento mágico. Nela o professor transforma pedagogicamente pelos processos cognoscentes, na sua ação prática, a matéria enquanto conteúdo a ser comunicado. Desse modo, pela transposição didática, o professor, na sua ação como prático, ao agir na sala de aula, proferindo pelo diálogo com os alunos o conteúdo a ser lecionado, o ato em si na sua imediatividade prática, não é científico. A sua atuação pode ser definida por uma ação pragmática comunicativa. (CAMPOS, 2012, p.38).

Tínhamos a finalidade de conscientizar os alunos acerca da importância da leitura, da interpretação do que é lido e das sílabas, assim como reconhecimento e a construção de novas palavras, sendo importante ressaltar que os objetivos propostos foram alcançados com êxito, pois a participação dos alunos era evidente nas atividades.

Nos conteúdos das aulas de Matemática foi sugerido trabalhos com adição e subtração. Procuramos adequar também nessa disciplina pequenos textos. De início cantamos uma música que envolvia números como, por exemplo: “Mariana conta”, “Os indiozinhos”. Estas aulas eram bem dinâmicas, levamos para as aulas pequenos problemas matemáticos, adições e subtrações retratadas por meio de gravuras, que levavam os alunos a reflexão e realização de forma correta dos exercícios propostos a eles.

Como se já era esperado, a maioria compreendeu de forma significativa todos os conteúdos propostos durante as regências aplicadas por nós, sendo que uma quantidade bem significativa desenvolveu as tarefas, demonstrando entendimento nas atividades. Em relação ao que foi observado e as regências realizadas durante o Estágio Supervisionado na escola municipal em destaque, como também aos estudos que se referem ao processo de alfabetização ficou claro que as práticas e métodos aplicados nesta turma surtem efeitos positivos

A profissional da educação responsável pelo aprendizado dos alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental desta escola mostra compromisso na realização das suas atividades para com aquelas crianças. Percebemos o empenho e a dedicação que a docente tem com as crianças. Foi notório que os educandos interagiam entre si, naquele espaço eram visto atitudes como colaboração, sendo que a maioria ajudava uns aos outros, principalmente na realização das tarefas escolares.

Em todas as visitas realizadas na escola percebemos o afeto e carinho que os discentes demonstraram em relação a educadora. Presenciamos momentos que alguns alunos sempre levavam flores para a mesma, enquanto outros a abraçavam com intensidade. Campos em seu livro “Saberes docentes e autonomia dos professores” deixa evidente a importância de uma boa relação de afeto que existe entre professor e aluno, enfatizando que:

Outra característica marcante da profissionalidade docente é a paciência. O envolvimento da professora com os alunos se faz por trocas de afetividade. A atenção, o bem querer, as manifestações de carinhos são determinantes para a conquista da criança no processo de ensino-aprendizagem. Assim, podemos dizer que o trabalho docente é um trabalho-paciente. (CAMPOS, 2012, p.55).

Dessa forma, pudemos compreender a relevância da afinidade entre professor e aluno, pois a partir dessa relação, imediatamente, o professor ganha a confiança do aluno e vice-versa, trazendo grandes contribuições para o processo de ensino e aprendizagem com mais eficácia.

## **5. Considerações Finais**

Diante de tudo que foi pesquisado, chegamos à conclusão que a leitura é fundamental na vida do ser humano, pois visa à abrangência do conhecimento, levando o ser portador desta habilidade a se sobressair de situações que envolva questões relacionadas ao conhecimento. O indivíduo que tem uma leitura aprimorada e faz uso da mesma está de fato contribuindo para seu próprio enriquecimento e, paulatinamente, para a compreensão do mundo.

Portanto, as práticas de letramento, proporcionam juntamente com atividades de alfabetização no Ensino Fundamental, em especial 1ºano, um espaço a interação com a leitura e escrita, proporcionando nos sujeitos que faz parte desse processo um desenvolvimento crítico em meio às situações que decorrem em seu cotidiano.

A constante busca por um novo modelo de educação, que surgiu devido às necessidades do mundo atual, fez com que todos os envolvidos na educação buscassem

melhorias para os métodos que sucederiam o aprendizado nas instituições de ensino, acontecendo assim as formas diferenciadas de transmitir os conteúdos.

As aulas deveriam estar contextualizadas de acordo com a realidade dos alunos, as conversas em sala de aula não aconteciam mais individuais, e sim em conjunto, sendo que todos podiam opinar. A esse processo deu-se o nome de aula dialogada, nas aulas foram inseridas algumas atividades lúdicas, como jogos educativos e dinâmicas que envolvem brincadeiras, e estas se justificam pelo fato de despertarem nos alunos a percepção, o conhecimento dos limites e a afetividade entre colegas, e o respeito seguido da autonomia que acontece entre professor e aluno.

Essas mudanças no campo educacional tornaram-se possíveis em decorrência dos grandes avanços que abrangem o mundo, justificando que o saber também deveria avançar. A sociedade entendia que o indivíduo precisaria desenvolver o senso crítico, tornando-se capaz de refletir acerca dos acontecimentos constantes. Era necessário que o ser atual percebesse o que ocorria em sua volta, pois as informações não param e estão em constante transformação, onde deve tornar os alunos seres críticos tanto para o desenvolvimento pessoal quanto profissional, pois vivemos em uma época onde a busca do conhecimento vai além dos nossos ideais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CAMPOS, Casimiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

MACEDO, Elizabeth et al. Criar currículo no cotidiano. São Paulo. Cortez Editora, 2002. Pág. 34 a 59.

SOARES, Magna. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.